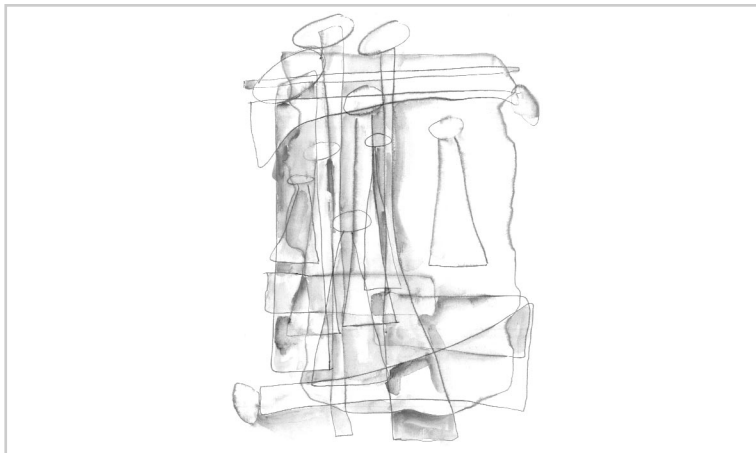


NEOTRIBALISMO – o predomínio da estética local sobre a ética global



Rogério Bianchi de Araújo

Mestrando em Filosofia Social (PUC-Campinas); Professor do Departamento de
Ciências Sociais na UNINOVE



Para iniciar este artigo, é importante salientar que o termo 'tribos' nada mais é do que uma metáfora para explicar a existência de agrupamentos tipicamente urbanos, os quais constroem uma identidade própria, identificando-se uns com os outros. Falar em tribo é como falar em pacto. Enquanto, nas sociedades indígenas, tribo tem uma conotação ampla, nas sociedades urbano-industriais representa particularismos, isto é, um recorte dentro da sociedade. A metropolização e a urbanização intensas provocaram a crise das tradições, perdas de identidade e, conseqüentemente, no resgate dessas raízes emergem as tribos urbanas. Diante da impessoalidade e anonimato tão enraizados na sociedade moderna, as tribos permitem a criação de códigos de comunicação e comportamentos particulares, com o intuito de escapar da massificação imposta pelo sistema capitalista e da solidão das metrópoles.

As pessoas que compõem uma tribo vivem realidades diferentes no seu cotidiano, 'assumindo' sua tribo apenas em determinados períodos ou lugares. Diante de uma sociedade que exige padrões de comportamento específicos em dadas situações sociais, alguns indivíduos vêm-se facetados em uma dupla personalidade. Em outras palavras, é comum um jovem usar terno e gravata no seu emprego e, ao fim do expediente, estar pronto para ser quem ele realmente é e procurar a sua tribo, vestir-se de acordo com seus pares, identificar-se com eles. O incremento do capitalismo e a redução de tudo a valor de troca promoveram essa descaracterização do ser humano, sobretudo de seus desejos e cultura.

Desde que Aristóteles qualificou o homem como um animal social e político por natureza, ficou mais explícita a



necessidade humana de construir relações com outros indivíduos. O ser humano só dá um sentido à sua existência a partir de sua relação com o Outro. Por mais individualista que nossa sociedade possa parecer aos nossos olhos, é no reconhecimento do Outro que está a chave da compreensão humana. Nesse sentido, projetos de matiz neoliberal, que secundarizam o coletivo e exacerbam a figura do indivíduo, são uma das causas das profundas crises que estamos presenciando em nossa civilização.

O projeto de Modernidade, que vem desde o Iluminismo, baseado no progresso incessante e no individualismo exacerbado, parece não ter mais eco em nossa sociedade, ou pelo menos encontra-se bastante enfraquecido. A ênfase no homem como centro de tudo é agora questionável. Vivemos no chamado mundo pós-moderno, em que a multiplicidade de interpretações e visões de mundo prolifera. Não há mais uma visão única e uniforme no sentido de um projeto que possa ser útil a toda a humanidade:

depois de Nietzsche, Marx e Freud, o 'logos', a mais fundamental de toda a herança clássica, parece não mais se legitimar em sua evidência, nem oferecer e garantir um instrumento seguro de compreensão e explicação do mundo e das nossas posturas e escolhas. (KOSOVSKI, 1997, p. 39).

Há hoje nas ciências humanas uma grande parcela de pensadores, intelectuais, professores etc. lamentando profundamente a perda de valores coletivos e as dificuldades em instaurar verdades / valores universais para o mundo, intento do Iluminismo. Por outro lado, isso levou a uma multiplicidade de pequenos grupos e a uma pluralidade de

pontos de vista. Como havia proposto o filósofo italiano Gianni Vattimo¹ (1992), não temos mais pontos de vista centrais, mas minorias,

1 Filósofo e professor em Turim, além de europarlamentar, Gianni Vattimo é considerado um dos principais pensadores da pós-modernidade e um dos mais importantes hermeneutas da filosofia italiana contemporânea.

subculturas e seus grupos sociais minoritários que finalmente se fazem ouvir, mesmo que seja apenas para dizer que existem e têm uma interpretação própria dos fatos. Isso é interpretado pelo filósofo italiano como um grande avanço: a dissolução dos pontos de vista centrais representa uma ruptura com as verdades absolutas que sempre foram narradas por quem detém o poder. Em um mundo em que os meios de comunicação avançaram numa velocidade impressionante, é ilusório achar que existe um ponto de vista central, global, capaz de unificar todos os demais. Assim, Vattimo (1992, p.13) considera um avanço o fato de a sociedade, influenciada por esse avanço nas comunicações, abrir caminho “a um ideal de emancipação que tem antes na sua base a oscilação, a pluralidade, e por fim, o desgaste do próprio princípio de realidade”. Esse avanço é, sobretudo, a possibilidade real de democratização das relações, com destaque para a voz das minorias.

No caso particular das tribos, a prioridade não parece ser a de propor grandes transformações nas instituições sociais, como o Estado. Apesar de algumas delas terem reivindicações ou críticas às políticas vigentes, não parece haver algum grande ideal ou projeto alternativo. São muito mais posições niilistas,² fruto de uma época em que as grandes estruturas de pensamento já não têm a mesma força de outros tempos.

Vivemos um período de fragmentação muito grande, o que dificulta até mesmo a formulação de alguma questão que

possa ser considerada fundamental. Quais são hoje as nossas referências? A quais valores absolutos devemos nos apegar? Podemos falar em individualismo na sociedade contemporânea? Esse processo corresponde ao fim dos grandes ideais coletivos ou, por outro lado, à decretação do fim do espaço público? Quais seriam as reais conseqüências desse processo? A massa indefinida, o povo sem identidade ou o tribalismo?

São muitas as dúvidas a respeito do mundo contemporâneo, mas tentaremos respondê-las na linha de pensamento defendida pelo sociólogo Michel Maffesoli (2000),³ para quem o surgimento do tribalismo nas metrópoles caracteriza o declínio do individualismo apregoadado desde o Iluminismo, tendo como conseqüência a possibilidade de emancipação humana, mesma posição defendida por Vattimo (1992), que demonstrou a forma pela qual a sociedade dos *mass media* e a comunicação auxiliariam nesse processo.

Antes de seguir o caminho apontado por Maffesoli, é importante pontuar algumas outras análises muito interessantes acerca da crise do mundo contemporâneo,

2 Numa perspectiva exclusivamente semântica, a palavra nihilismo significa a redução ao nada, o aniquilamento, ou seja, uma espécie de descrença generalizada, segundo a qual não pode existir nada de absoluto, nem uma moral ou uma hierarquia de valores. Em outras palavras, seria o mesmo que viver para o nada, negando a própria vida. Contudo, o nihilismo é bem mais que isto: trata-se de uma marca da época contemporânea, um estado mental e psicológico que envolve os indivíduos sem que eles percebam, embora vários filósofos dêem uma nova interpretação, atribuindo-lhe caráter positivo.

3 Michel Maffesoli é professor de Sociologia na Sorbonne, em Paris, diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano (Paris V) e diretor do Centro de Pesquisas sobre o Imaginário (M.S.H.). O autor é bastante conhecido no Brasil por uma série de obras já traduzidas em português, que representam um marco na Sociologia contemporânea, sobretudo pelo vigor e ousadia de seu pensamento.

dentre as quais podemos destacar a do sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) e a do filósofo, de mesma nacionalidade, Martin Heidegger (1889-1976). Segundo Weber (2002), a extrema racionalidade do mundo, potencializada pelo avanço da técnica, provocou nos indivíduos o que ele chamou de “desencanto do mundo”, isto é, não existem mais mistérios, agora tudo pode ser explicado pelo homem. Dessa forma, as tribos urbanas também podem ser consideradas um movimento que tenta lutar contra esse desencantamento. Em um mundo de extrema racionalidade técnica, é bom saber que ainda existem vozes que se querem fazer ouvir, que desejam despadronizar nossa forma de ser no mundo racional. É compreensível que não haja nenhum componente ideológico mais profundo em suas ações e pensamentos, e sim a preponderância total da estética, embora isso não deixe de ser também um projeto de emancipação e liberdade.

A noção de progresso, crescimento e desenvolvimento generalizado, levou-nos à crise do humanismo nos termos de Heidegger (1973), isto é, ela é o reflexo de uma crise promovida pela ciência e pela técnica, em que a objetividade impera de forma vigorosa, deixando de lado a subjetividade humana. Em outras palavras, o desenvolvimento da ciência e da técnica, em consonância com a centralidade do homem em relação ao universo, proporcionou uma melhora importante na aquisição de bens materiais, mas paradoxalmente influenciou sobremaneira a desagregação dos laços de solidariedade entre os indivíduos, levando-nos, assim, a uma crise do humanismo. Enquanto Marx (1818-1883) explica essa crise como resultado das relações desiguais de poder que se configuraram ao longo da história até a forma atual, marcada pela disputa entre os

detentores dos meios de produção e os proprietários apenas da força de trabalho – a clássica oposição entre burgueses e proletários –, Heidegger propõe uma nova forma de pensar o Ser, levando mais em conta a subjetividade do que a objetividade humana, isto é, a poesia e a arte como libertação, e a ciência e a técnica como aprisionamento. Nessa direção, as tribos corresponderiam a um processo de reencantamento do mundo, no qual os indivíduos, descrentes da objetividade exacerbada da racionalidade técnica e científica, estariam agora dispostos a humanizar as relações ao estabelecer laços comunitários. Os conflitos de classe entre trabalhadores e capitalistas perdem força no mundo atual e o enfoque que se dá aos distúrbios sociais caminha para outras esferas, mais ligadas a questões culturais – conflitos raciais, minorias desprestigiadas, movimentos feministas etc.

No mundo da acumulação capitalista e das políticas neoliberais, quase tudo é envolvido pela lógica do mercado, e é nesse horizonte que se torna possível o encontro das novas comunidades sob a forma tribalista. Nessa linha de pensamento, os laços solidários grandiosos, estabelecidos nas nações, povos ou sociedades, diminuem e perdem relativamente sua influência como referência. Enquanto o capital se globaliza, os grupos sociais vão-se fragmentando cada vez mais. Há um crescente processo de segregação e sedimentação de grupos menores:

a ideologia individualista expande-se e, ao mesmo tempo, por mais estranho que possa parecer, cresce também o interesse por questões comunitárias que afetam a vida individual tais como ecologia e qualidade de vida. Comunidade e individualismo não são incompatíveis. (NEIVA, 1996, p.103).

Nesse sentido, podemos dizer que estamos vivenciando o paradoxo da globalização: por um lado, mercados internacionalizados e empresas transnacionais, por outro, culturas e grupos que se internalizam. No aspecto cultural, portanto, o saber local torna-se preponderante em relação ao saber global, numa espécie de jogo dialético de interferências cujo parâmetro é a particularização dos estudos dos aspectos culturais nesse processo. Enquanto a globalização da economia avança, movimentos culturais e simbologias se expandem, promovendo uma diversidade cultural ainda maior. A globalização é um terreno fértil para a formação de subgrupos sociais diferenciados. Nas sociedades modernas, as tribos urbanas apresentam particularidades que as distingue do resto da sociedade, ressaltando suas diferenças. Pode-se afirmar que elas são oriundas desta sociedade global, o que nos leva a dizer, ousadamente, que são comunidades criadas dentro das sociedades, com todo o paroxismo que possa existir nessa afirmação. Assim, para Maffesoli (2000, p. 62), “as grandes cidades transformaram-se em campos onde os bairros, os guetos, as paróquias, os territórios e as diversas tribos que os habitam, substituíram as aldeias, lugarejos, comunas e cantões de antigamente”. Em outras palavras, a sociedade é fragmentada e múltipla, enquanto a comunidade é compacta e unitária.

Diante de sociedades tão complexas e cada vez mais impessoais, o tribalismo urbano é um desejo intrínseco do ser humano de viver em comunidades que não são históricas e têm um mito fundador próprio. Nesse movimento, estabelece-se, nesses grupos, uma ética comunitária, além de uma solidariedade que já não encontra eco nas sociedades; o



ritual ganha destaque especial, pois é de fundamental importância para a construção de uma identidade e simbologia próprias: “o ritual exprime o retorno do mesmo. No caso através da multiplicidade dos gestos rotineiros ou cotidianos, o ritual lembra à comunidade que ela ‘é um corpo’” (MAFFESOLI, 2000, p. 25). Por rituais, entendemos o conjunto de normas criadas pela tribo – comportamentos, hábitos, costumes, estética e linguagem própria – com o intuito de reconhecer-se como tal. Daí o surgimento de grupos tão distintos como *punks*, *skatistas*, *rappers*, *clubbers* etc. E por que existem tantos grupos tão dispersos nas grandes cidades? Um mundo pós-moderno, marcado pela crescente liberdade individual, em todos os aspectos, “não tem como adotar um ritual generalizado e comum a todos os seus membros” (NEIVA, 1996, p. 115).

A formação de tribos urbanas parece ser um movimento claro de preservação cultural e criação de uma simbologia que permite ao ser humano situar-se no mundo de forma mais objetiva. Segundo Bourdieu (1983, p.82),

às diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência.

Trata-se de um fenômeno que ocorre principalmente entre os mais jovens, podendo-se caracterizar as tribos como um fenômeno juvenil dos grandes centros, em que o ‘diferente’ se organiza por normas, leis, códigos etc. Nas décadas de 60 e 70, época em que as ideologias, projetos de vida e revoluções estavam muito mais latentes, tribos urbanas como os *hippies*,

punks etc. tinham mais representatividade, pois propunham, cada uma à sua maneira, formas e práticas de convivência em sociedade, e estas não se limitavam apenas a uma região, mas estendiam-se ao mundo – as intenções, portanto, eram bem mais amplas que as do ‘neotribalismo’.

As tribos urbanas sofrem uma mutação com o chamado ‘fim das ideologias’ do pós-queda do muro de Berlim. Entraríamos, assim, numa época pós-moderna sem grandes projetos ideológicos ou racionais para a humanidade: ganha corpo agora o multiculturalismo, o pluralismo religioso e o crescente avanço de meios de comunicação como a *internet*. Diante de tamanha fragmentação, as tribos urbanas eclodem por todas as partes, buscando seu espaço e sua identidade. Na alma do jovem, ainda há resistência diante do flagelo da identidade pessoal promovido pela sociedade moderna:

de fato, contrariamente à estabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, as reuniões pontuais e a dispersão. É assim que podemos descrever o espetáculo das ruas das megalópoles modernas. (MAFFESOLI, 2000, 13).⁴

A diferença em relação às tribos urbanas de outrora é que as

4 Prefácio do autor à segunda edição de seu livro *O tempo das tribos*.

contemporâneas não possuem grandes projetos de transformação da humanidade, apenas querem ser notadas e identificadas enquanto grupo social. Diante do vazio provocado pela lógica do mercado e pela acumulação de capital, os indivíduos, principalmente os jovens, querem lembrar ao mundo que eles existem e têm algo a dizer: “não se trata mais da história que construo,

contratualmente associado a outros indivíduos racionais, mas de um mito do qual participo” (MAFFESOLI, 2000, p. 15). Portanto, atualmente essa existência é muito mais estética do que racional.

Uma das principais características do mundo pós-moderno é precisamente a correlação entre ética e estética. Nesse contexto, as tribos urbanas, dotadas de signos e imagens, constituem uma das vertentes da estetização da vida. O fascínio e o prazer estético são o marco principal que as caracteriza. Segundo Maffesoli (op.cit.), os laços comunitários de nossa época estão marcados por uma aura estética e são, antes de tudo, uma abertura para o Outro, com a finalidade de estabelecer algum vínculo. A experiência estética faz viver outros mundos possíveis, uma construção do mundo como imagem. Em termos *heideggerianos*, o sentido do ser característico de nossa época anuncia-se única e exclusivamente nesse tipo de experiência. Conforme Vattimo (1992, p. 65):

Hoje estamos talvez em condições de reconhecer que os elementos de superficialidade e precariedade da experiência estética, tais como se realizam na sociedade moderna, não são necessariamente sinais e manifestações de alienação, ligados aos aspectos desumanizantes da massificação.

Temos tribos urbanas mais ‘comunitárias’ e mais rígidas no que diz respeito à identidade, as quais, apesar de serem fenômenos de um mundo pós-moderno, não podem ser consideradas uma representação por excelência do fenômeno. Referimo-nos aqui a uma forma de tribalismo o mais pós-moderna possível, que está presente no *shopping*

center, pois este “favoreceu a pluralidade de códigos e, portanto, a formação de comunidades emocionais efêmeras a cada corredor, a cada loja de departamentos, a cada praça” (RECTOR; NEIVA, 1997, p.362). O *shopping* como território demarcado, como um primor de liberdade e democracia e uma exposição de símbolos e signos, principalmente por meio das peças de vestuário e outras características estéticas, configurando uma espécie de linguagem corporal aplicada, tenta projetar a utopia de uma cidade ideal. Trata-se de tribos efêmeras, impulsionadas pelo espaço publicitário em ilhas multicoloridas. A identidade vai ocorrer dentro da lógica do mercado e do consumo. Assim, “os shoppings centers apresentam uma forma de tribalismo que se confirma na pós-modernidade: efêmero, anacrônico, estético” (id.ib.).

Para que todas essas tribos urbanas sejam estruturadas e moldadas de acordo com as características que tentamos ressaltar neste artigo, é fundamental que terminemos com uma pequena análise de Vattimo (1992), segundo a qual vivemos numa sociedade de comunicação generalizada, a que ele chama de sociedade dos *mass media*. Trata-se de um tipo de sociedade na qual não mais podemos identificar estruturas fortes, com uma história unitária. Esse tipo de sociedade está a evidenciar o papel extremamente significativo desempenhado pelos meios de comunicação, que foram de fundamental importância para promover a dissolução dos pontos de vista centrais – rádio, televisão, jornais, *internet* tornaram-se canais multiplicadores de visões de mundo. Para o autor italiano, esse é um dos indicadores preponderantes da passagem da nossa sociedade à

pós-modernidade, na qual se verifica uma proliferação de subculturas. Segundo a profecia do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), é o verdadeiro mundo transformando-se em fábula. Vattimo tem uma visão otimista ao mostrar que essa pluralidade gerada pela sociedade do *mass media* representa um processo de emancipação como nunca se viu na história.

Podemos dizer, então, que as tribos, como conseqüência de um mundo pós-moderno e sem grandes ambições no que se refere à construção de ideologias para a humanidade, vivem o presente, sem significativas projeções de futuro, até porque a idéia de progresso encontra-se extremamente enfraquecida na contemporaneidade. É por isso também que associamos a existência dessas novas tribos urbanas à emergência da pós-modernidade, tendo em vista que ela não leva em conta um projeto utópico de futuro, mas, sim, uma visão primordial sobre o presente. Trata-se de um ambiente totalmente marcado pela globalização e pelas contradições entre o local e o universal. Existe a busca de uma nova estética que passa pela questão do corpo, em vez de uma razão crítica. A experiência do 'estar-junto' faz-se a partir de uma experiência estética e não de uma ética universal que tenha a pretensão de expandir-se a outros segmentos sociais. Esse tribalismo é, portanto, um reflexo do avanço dos meios de comunicação e da enormidade de informações que circulam no mundo globalizado; guarda correspondência com o estabelecimento de novas linguagens promovidas por laços de identificação, os quais são criados para tentar reestruturar uma função característica do ser humano: a de estar-junto aos outros.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: Ortiz, Renato (Org.). *Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).

KOSOVSKI, Ester (Org.). *Ética na comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

MAFFESOLLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

NEIVA, Eduardo. *O que aprender com antigas catástrofes: comunicação, técnica e sociedade*. São Paulo: Ática, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Para a genealogia da moral*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

RECTOR, Mônica; NEIVA, Eduardo (Orgs.). *Comunicação na era pós-moderna*. Petrópolis: Vozes, 1997.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

Bibliografia sugerida

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. London: Stonehenge, 1997.

FESTHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Livros Studio Nobel, 1995.

OLIVEN, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

